



IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS CRÍTICAS NO ESPAÇO E NO TEMPO

COMUNICAÇÃO A 28.05.2021

Esta análise pretende identificar as áreas críticas em Portugal para a COVID-19, entre 26 abril até 23 maio 2021, com base no risco relativo, que possibilita observar áreas com risco superior ou inferior ao que seria esperado, considerando a realidade nacional.

Esta análise permite identificar situações que possam pedir especial atenção. A identificação de áreas críticas não significa que sejam necessariamente situações graves, significando que são as piores e que se destacam das outras, mas a real gravidade tem que ser analisada através de outros indicadores. É necessário cruzar esta informação com outros indicadores quantitativos e qualitativos para se tomarem decisões.

Comparando as áreas críticas entre 26 abril a 2 maio 2021 e entre 17 e 23 maio 2021, verifica-se **uma diminuição no número de áreas críticas identificadas**, descendo de 12 para 7 clusters (Figura 1).

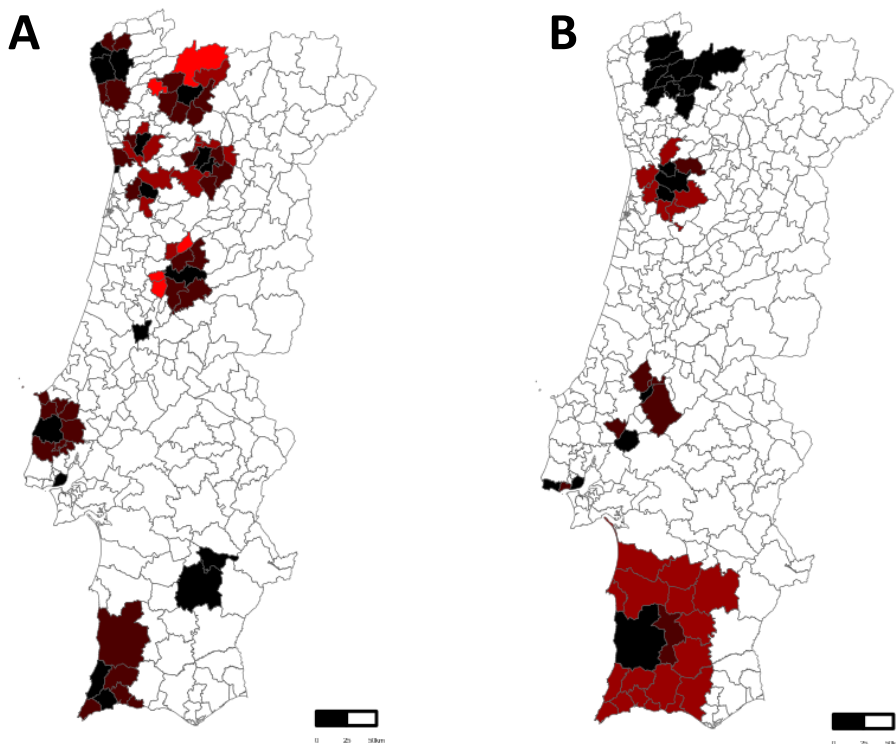


Figura 1: Áreas críticas identificadas entre 26 abril a 2 maio 2021 (painel A) e entre 17 e 23 maio 2021 (painel B).



Escola Nacional de Saúde Pública

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Realça-se o concelho de Lisboa, que entre 26 abril a 2 maio 2021 tinha um risco relativo de 1,44 e entre 17 e 23 maio 2021 subiu para 3,28. O que significa que **no fim de maio 2021, o concelho de Lisboa tinha um risco mais de 3 vezes superior comparando com a realidade nacional**. De forma oposta, **o cluster Algarvio, que inclui Odemira, Lagos, Portimão e outros concelhos vizinhos, tem apresentado um risco relativo constante com tendência decrescente**.

Ao longo do último mês, verifica-se uma heterogeneidade espacial, com presença de áreas críticas, com dimensão comparativa assinável. A pandemia não se desenvolve de forma homogénea nem no espaço nem no tempo e a identificação destas áreas críticas não significa necessariamente uma situação grave. É importante perceber o que se passa em cada área crítica identificada: a incidência, o número de casos, a tendência, a existência de surtos, se a cadeia de transmissão está bem identificada, o perfil dos doentes, a situação social dos casos identificados, a densidade populacional das regiões identificadas, etc. Por exemplo, uma área crítica numa região com poucos casos, com um surto bem identificado, não será tão preocupante como uma área crítica numa região com muitos casos onde exista transmissão comunitária.

Assim, apesar desta análise apresentar informação relevante, é necessário cruzá-la com mais informação para perceber o contexto e definir estratégias específicas de atuação.